

INAUTENTICIDADE E FINITUDE EM HEIDEGGER

Poliana Emanuela da Costa*

RESUMO:

O presente artigo que aborda a questão da inautenticidade em Heidegger, a partir da obra *Ser e Tempo*, tem por objetivo criar uma possibilidade de análise da vida do homem contemporâneo ocidental no tocante aos três aspectos fundamentais que configuram sua existência cotidiana e superficial. São eles: facticidade, existencialidade e a ruína. Essas três constituições essenciais da vida existenciária, segundo a perspectiva heideggeriana, indicam o declínio do ser-aí na medida em que este se afasta da esfera do Ser em direção ao mundo dos entes ou dos objetos com os quais convive. Deste modo, o homem se torna alheio as possibilidades que podem reconduzi-lo para o âmbito ontológico e, por conseguinte da sua dimensão mais originária que é a temporalidade. Nesse sentido, o respectivo trabalho se apresenta sobre o enfoque não só da filosofia heideggeriana, como também dos problemas emergentes que permeiam a atualidade. Diante disso, como resultados possíveis demonstraremos alguns aspectos centrais do pensamento de Heidegger sobre o referido tema, no sentido de impelir o homem do seu estado de decadência para o seu modo de ser mais próprio, que é o reconhecimento e a apropriação de sua finitude.

Palavras-chave: Existência inautêntica. Técnica. Ser-para-a-morte

1 INTRODUÇÃO

*Substituo-me a cada grosseria da vida
Meus sentimentos também
Meu coração não quer dizer mais emoção
Porque emoções são plásticas
Plásticas que fazemos
Criadas e surgem a partir de encontros e desencontros de coisas*
(Smith)

O presente artigo, nesta primeira abordagem, surgiu de uma vontade de aprofundar alguns aspectos do pensamento heideggeriano sobre uma perspectiva não apenas filosófica

*Mestranda em Filosofia - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Especialista em educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: poliana_emanuela@hotmail.com. Natal/RN - Brasil.

como também antropológica. Dentre elas está ou encontra-se em maior medida a existência inautêntica, situada na obra ‘Ser e Tempo’. Desta maneira, então, propomos realizar uma análise desse modo de ser da pre-sença que se configura, por sua vez, numa inapropriação ontológica de sua existência.

Inicialmente iremos explorar alguns elementos contidos na obra ‘Ser e Tempo’ que caracterizam a existência inautêntica para logo, então, situá-la numa esfera de análise mais ampla e atual, a saber, a era da técnica que forja um dos modos de ser do homem ocidental contemporâneo.

Realizado esse momento, o texto pretende alavancar algumas questões, as quais dizem respeito ao modo de ser mais próprio do ser-aí, isto é, a compreensão de sua finitude dada na temporalidade que, por sua vez, é a sua constituição fundamental. Em síntese, tentaremos mostrar a unidade do pensamento de Heidegger no tocante a elementos constitutivos que apontam caminhos e despertam novas possibilidades de uma interpretação outra sobre os modos de ser da pre-sença, e, sobretudo, o modo de ser que a surpreende em sua totalidade.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXISTÊNCIA INAUTÊNTICA: DESVIO E VERTIGEM

Ao longo de toda obra ‘Ser e Tempo’ encontramos articulações sobre o sentido do ser. Dessa maneira, Heidegger nos permite interpretar tais articulações como uma exposição do seu pensamento acerca dos meandros existenciais que constituem o sentido ontológico, os quais são tecidos na pre-sença do ser-aí.

Entretanto, como Heidegger mesmo aponta, “elaborar a questão do ser significa, portanto, tornar transparente um ente - o que questiona em seu ser” (1998, p.33). De acordo com a concepção de Heidegger, tornar transparente um ente para dizer o que é o Ser não deve, de modo algum, ser um ente simplesmente dado. Mas um ente que traga na sua constituição fundamental as possibilidades determinantes de sua própria existência.

É justamente nesse sentido que o homem é o único ente capaz de escolher a si próprio, de escolher seu modo de se posicionar frente ao mundo, de questionar ou não pelo sentido do Ser. Porquanto, a existência inautêntica não pode levemente ser tomada aqui como um aniquilamento da possibilidade de busca pelo Ser.

A existência inautêntica é segundo Heidegger, um desvio, uma vertigem existencial do homem causada em primeira instância pelo modo de ser mais próximo do ser-aí. O que se quer dizer com esse mais “próximo” se refere à própria condição existencial do ser-aí, que é o ser-no-mundo, no qual todos os entes lhe vem ao encontro de forma imediata. Nesta acepção, encontramos os entes em seu caráter instrumental. Sobre isso Heidegger comenta: “O que está à mão, nem se apreende teoricamente nem se torna diretamente tema da circunvisão. O que está imediatamente à mão se caracteriza por recolher-se em sua manualidade, para, justamente assim, ficar a mão (1998, p. 111).

A cotidianidade do ser-aí caracteriza em certo sentido a ocupação que se torna deficitária ao passo em que, o que está em jogo não é um intento ontológico, mas sim, a manualidade do instrumento em si mesmo, sem ser considerada uma circunvisão. Isto é, a totalidade da obra a ser construída mediante o uso dos entes intramundanos. O modo de ocupação cotidiano que se desliga, em certos casos ou na maioria das vezes da totalidade de referências na qual o instrumento vem ao encontro se dá, pelo fato de uma necessidade do ser-aí de pertencimento do mundo.

Essa necessidade de pertencimento do mundo se revela a sombra de duas disposições essenciais da pre-sença, o falatório e a curiosidade. Embora, essas duas estruturas inerentes a existência humana sejam fundamentais para compreender com uma maior pertinência o pensamento de Heidegger no tocante a existência inautêntica, não constitui aqui o objetivo de exaurir o tema, antes, o de possibilitar uma análise da vida cotidiana do ser-aí. Como este se lança numa inapropriação vertiginosa de sua finitude. Sendo assim, é a ambigüidade o vértice que une o falatório e a curiosidade. Sobre isso, Heidegger (1998, p.234) acrescenta:

Se, na convivência cotidiana, tanto o que é acessível a todo mundo quanto aquilo de que todo mundo pode dizer qualquer coisa vêm igualmente ao encontro, então já não mais se poderá distinguir, na compreensão autêntica, o que se abre e o que não se abre. Essa ambigüidade não se estende apenas ao mundo, mas também à convivência como tal e até mesmo ao ser da pre-sença para consigo mesma.

A ambigüidade, segundo Heidegger caracteriza uma espécie de “pressentimento”. De outra maneira, na ambigüidade tudo parece ter sido compreendido. Essa antecipação da verdade, dos acontecimentos dos fatos propicia, ao mesmo tempo, um aniquilamento dessa força e empenho de busca, tornando-se dessa forma, uma procura incessante por aquilo que

não se pode apreender em sua autenticidade.

Essas considerações preliminares acerca da existência inautêntica nos remetem invariavelmente ao modo de existir ou de se posicionar frente ao mundo do homem ocidental contemporâneo. Apesar de Heidegger em sua obra ‘Ser e Tempo’ não ter tratado especificamente da questão da técnica, ele aponta para a instrumentalidade dos entes que deram ensejo a exploração e dominação do mundo sobre a égide dessa instrumentalidade desembocando no que podemos chamar de era da técnica.

3 UMA ANÁLISE SOBRE TÉCNICA E FINITUDE: COMPREENSÃO DO SER EM SUA TOTALIDADE

Diante dessa perspectiva, a questão da existência inautêntica se apresenta de maneira inevitável e premente. Inevitável tendo em vista que o mundo da técnica se impõe de tal maneira que parece mais como uma extensão natural dos nossos próprios sentidos. Premente pela velocidade de encontro e desencontros de coisas. Daí a existência inautêntica, cada vez mais fomentada pela era da técnica ser uma inapropriação dos elementos constitutivos mais próprios dessa existência, dentre eles está a sua própria finitude, dada na temporalidade do ser-aí. Nas palavras de Heidegger:

[...] Se pensarmos a técnica a partir da palavra grega *techné* e de seu contexto, técnica significa: ter conhecimento na produção, *techné* designa uma modalidade de saber. Produzir quer dizer: conduzir à sua manifestação, tornar acessível e disponível algo que, antes disso, ainda não estava aí como presente. Este produzir vale dizer o elemento próprio da técnica, realiza-se de maneira singular, em meio ao Ocidente europeu, através do desenvolvimento das modernas ciências matemáticas da natureza. Seu traço básico é o elemento técnico, que pela primeira vez apareceu em sua forma nova e própria, através da física. Pela técnica moderna é descerrada a energia oculta da natureza, o que se descerra é transformado, o que se transforma é reforçado, o que se reforça é armazenado, o que se armazena é destruído. As maneiras pelas quais a energia da natureza é assegurada são controladas. O controle, por sua vez, também deve ser assegurado. (*apud* CRITELLI, 2002. p. 83-89).

A citação acima vem ratificar o aspecto da técnica. Quer dizer, vem revelar o aspecto

dominante do homem sobre o ente. Porém, essa dominação não consiste apenas no conhecimento prático, requer, sobretudo, uma ideia pré-estabelecida do homem em relação ao objeto, ou seja, um conhecimento prévio que, algumas vezes se direciona para o porquê das coisas, de certa forma, a razão de tecnificar determinado ente.

Não obstante, esse “porquê” das coisas, de certa forma, vem perdendo seu sentido mediante a tecnificação exacerbada não só dos entes, como também do próprio homem que na contemporaneidade manipula o real a fim de satisfazer suas necessidades básicas e supérfluas sem se preocupar com o fim de suas realizações. Sobre isso Heidegger afirma o seguinte: “O mundo da técnica é o mundo da errância: os homens não tem nenhum ponto de referência [...]” (HEIDEGGER, 1995, p.52). O homem da técnica se transforma em uma besta do trabalho, refletindo nitidamente o processo de esquecimento do Ser.

O homem contemporâneo é dominado pelo processo técnico, no sentido de enxergar nele o único meio de sobrevivência e conseqüentemente de se adequar no mundo moderno, se diluindo em meio aos outros entes, se deixando arrastar pela vida inautêntica em meio aos objetos que manipula.

Essa existência inautêntica a qual é constituída e permeada pelo universo técnico fomenta, sobretudo, as três constituições fundamentais de ser desse modo de existir do ser-aí, que são justamente a facticidade, a existencialidade e a ruína. A facticidade diz respeito ao fato de o homem estar jogado, lançado no mundo sem que sua vontade tenha participado disso. Nesse contexto, o mundo não se reduz a um universo físico ou enquadrado nos aparelhos de medição, nem tão pouco o mundo estudado pelos astrônomos, mas sim, um componente fundamental na formação do indivíduo, e as condições geográficas, sociais e econômicas interferem de maneira contundente na existência humana.

A existencialidade ou transcendência é constituída pelo lançar mão ou atitudes do homem frente aos objetos, pela apropriação das coisas do mundo, por parte de cada indivíduo. O termo existencialidade não é empregado para os objetos a mesma forma que é para o ser-aí. Os objetos existem enquanto o homem existe num sentido interior e pessoal. Em sentido outro, o homem antecede suas próprias possibilidades e as transforma para alcançar aquilo que deseja ser. Para Heidegger, o ser-aí está sempre objetivando algo, se lançando para fora de si mesmo. Essa superação trata-se de uma projeção do mundo, porém homem e mundo são inseparáveis. O homem inautêntico se projeta juntamente com os utensílios que ele manipula. O homem transcende porque está sempre procurando algo fora dele, no entanto, não consegue se desligar dos objetos, permanecendo dessa maneira no plano ôntico.

O terceiro aspecto e também o mais nocivo diz respeito à ruína, a capacidade de cada

indivíduo se distanciar do seu projeto essencial que é o Ser, se deixando arrastar pelas preocupações cotidianas, perdendo sua característica de ser individual, se retraindo no anonimato. Assim, ele vegeta na banalidade das ocupações corriqueiras, se desviando de si mesmo e do projeto ontológico.

Toda essa conjuntura que embasa a existência inautêntica provoca no homem contemporâneo uma inapropriação do Ser. Neste ínterim, é dever esclarecer que o modo de se dá cotidiano do ser-aí se constitui como base para uma analítica dessa existência, tendo em vista que, o que está em jogo é sempre o Ser. De toda e qualquer maneira o homem ou ser-aí se relaciona com sua questão ontológica. Porém, Essa inapropriação do Ser da pre-sença afasta o homem do seu modo de ser mais próprio.

Na medida em que o homem é arrastado pelos entes intramundanos com os quais convive, ele se deixa dissolver na ocupação, perdendo de vista a dimensão de sua temporalidade. De outra maneira, a temporalidade se configura como o eixo fundamental da pre-sença, que existe enquanto finitude. O que podemos compreender sobre finitude de acordo com a perspectiva heideggeriana diz respeito àquela possibilidade irremediável que aniquila todas as outras possibilidades.

A pre-sença é essencialmente ser-para-a-morte. O privilégio do homem em relação aos demais entes se desvela, sobretudo, na apropriação mais própria e originária do seu findar. O caráter do ser-para-a-morte, segundo Heidegger não quer dizer em absoluto que a existência humana deva ser tomada em um aspecto de negatividade, ao contrário disso, assumir originariamente esse findar coloca o homem na esfera do Ser.

Mas o que seria então para Heidegger assumir originariamente esse findar? De acordo com sua concepção:

[...] A cura é ser-para-a-morte. A de-cisão antecipadora foi determinada como ser próprio para a possibilidade característica da absoluta impossibilidade da pre-sença. Nesse ser-para-o-fim, a pre-sença existe, total e propriamente, como o ente que pode ser “lançado na morte”. Ela não possui um fim em que ela simplesmente cessaria. Ela existe finitamente. (HEIDEGGER, 2005.p. 124.)

Assumir originariamente o findar significa, portanto, compreender antes de tudo que o ente que nós mesmos somos se fundamenta num ser-para-a-morte em sentido positivo. Em meio às possibilidades inerentes a essência do ser-aí, encontra-se aquela que pertence unicamente ao

homem, à morte. Esta por assim dizer, permite que o ser-aí se antecipe e se decida, pois é o único que tem consciência de própria finitude. Enquanto a morte não exerce seu papel fundamental de aniquilamento das possibilidades do ser-aí, ela mesma é possibilidade que permite realizar todas as outras.

Diante desse processo de apercepção, o homem é remetido para o verdadeiro sentido do findar, um sentido que lhe é somente seu. Em meio a essa experiência o homem percebe toda a nulidade do seu projetar-se. Então, logo o apego aos utensílios, todo o modo de ser da existência inautêntica se mostra desprovida de sentido. O homem passa agora a ocupar-se de questões que podem levá-lo a descoberta do Ser. Esses novos elementos caracterizam a vida autêntica que acontece simultaneamente com a apropriação originária do findar, em sentido outro, com a compreensão do ser-para-a-morte.

Por outro lado, a tarefa de se apropriar originariamente do findar impele o ser-aí para o sentimento ou existencial da angústia que é desencadeado pela própria compreensão da finitude. O ser-para-a-morte é essencialmente angústia que, segundo Heidegger é dentre todos os existenciais o único que pode levar o homem a um encontro próprio com o Ser. Nesse contexto, a angústia pode ser entendida como um sentimento de redenção, pois eleva o homem ao seu estado ontológico. Para Heidegger, o homem angustiado ignora todas as trivialidades do cotidiano, a angústia se apresenta de forma totalizadora, abarcando todo o pensar e agir do ser-aí. Tudo fica desprovido de sentido, a angústia torna-se o passado e o presente, envolve toda a existência do ser-aí.

Durante esse estágio de letargia, de indiferença em relação ao mundo, o homem se depara com dois caminhos, o primeiro aponta para o retorno ao mundo ôntico, uma vez que, no instante que o homem se vê frente ao nada, é despertado outro existencial, o tédio, que se manifesta diante do homem angustiado. Este existencial se torna um divisor de águas. De um lado, o ser-aí tem a saída de fugir novamente para o esquecimento de sua dimensão mais originária que é o Ser. Dessa forma, o ser-aí se submerge no cotidiano e, assim, ele volta a se projetar para fora de si mesmo, procurando o sentido ontológico nos outros entes.

Por último, a outra saída se constitui de maneira mais árdua, pois esta procura fazer com o que o homem permaneça onde está, na angústia e se acolha dentro de si mesmo. Sendo assim, essas configurações que embasam a vida autêntica passam a servir de clareira na busca pelo Ser.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com embasamento nas concepções heideggerianas acerca da existência inautêntica como inapropriação da finitude, foram realizadas outras exposições do pensamento de Heidegger que respaldaram sobremaneira uma análise sobre os modos de ser do homem. Não obstante, outras questões se apresentam como proposta de fomentar uma discussão sobre o lugar do Ser em meio às distinções entre vida inautêntica como inapropriação da finitude e vida autêntica como clareira para a pergunta ontológica.

O Homem inautêntico reproduz um modo de vida que serve como uma espécie de referencial para consolidar ou até mesmo forjar sua própria existência. Nesse sentido sua existencialidade se torna tão outra que a inapropriação da finitude se transforma numa recusa proposital. Essa recusa por sua vez, proporcionada, sobretudo, pela era da técnica, com seus encantos que transcendem cientificamente e a cada dia o homem contemporâneo se espalham como uma metástase, partículas ínfimas na existencialidade humana provocando um nivelamento de sentido.

Com efeito, a homogeneidade do existir e de se posicionar frente ao mundo e aos outros entes não resulta do insurgimento da técnica, antes a cientificidade e o tecnicismo se entremeiam de forma a compor a cada novo invento uma constituição aparentemente elementar do homem contemporâneo. Ele a toma para si e a incorpora como doses homeopáticas e necessárias a sua permanência ou manutenção no mundo.

Noutro sentido, tudo que lhe é próprio é dado em troca do nivelamento que dentro da perspectiva inautêntica é tido como procura do ser da técnica, uma ontologia da técnica. De outra maneira, essa barganha do próprio pelo impróprio afeta não só a compreensão da finitude como arrasta tudo o que há no ser-aí para a esfera do impessoal, o pensar o falar e o agir.

Portanto, resta saber em que era estamos, se é a do esquecimento do esquecimento do Ser ou na era da vontade consciente e arquitetada desse esquecimento. Será de alguma maneira possível habitar ainda o lugar ontológico? Quando o tempo deixar de ser medido impessoalmente como apropriação de modelos paradigmáticos e burocráticos, e o homem começar a tomá-lo para si como um findar positivo que decide ontologicamente o que pensar, o que falar e como agir, e a técnica ocupar o lugar de conquistas humanas ao invés de sua extensão mais próxima, o homem talvez se volte novamente para a esfera do Ser.

REFERÊNCIAS

CRITELLI, Dulce. *Martin Heidegger e a essência da técnica*. In: Margem, São Paulo, nº16, p. 83-89, dez. 2002.

HEIDEGGER, Martin. *Língua de tradição e língua técnica*. Lisboa: Veja, 1995.

_____. *Ser e Tempo*. Parte I, 7ª Ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. *Ser e Tempo*. Parte II, 13ª Ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

STEIN, Ernildo. *Nas proximidades da antropologia: ensaios e conferências filosóficas*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.